

# **A METODOLOGIA UTILIZADA PELOS PROFESSORES E A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS**

Dione Almeida Barros - Licenciada em Pedagogia, graduanda em Letras e Prof<sup>ª</sup>. de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino.

## **INTRODUÇÃO**

A leitura ocupa sem dúvida, um espaço privilegiado não só no ensino da Língua Portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita, utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimentos. Mais especificamente, a leitura, enquanto um modo peculiar de interação entre os homens e as gerações, coloca-se no centro dos espaços discursivos escolares, independentemente da disciplina ou área do conhecimento.

Nesse contexto, a função primeira (e esperada) da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciarem aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos, assim como a de possibilitar que os alunos atuem criticamente em seu espaço social.

Vários estudos mostram que o repertório de leitura do professor de língua portuguesa é limitado e está estagnado, o que o leva a reproduzir mecanicamente sempre as mesmas indicações e práticas de leitura junto aos seus alunos. A expropriação das condições de trabalho, ocorrida ao longo da história e acentuada nos últimos tempos, e a conseqüente luta pela sobrevivência bloqueiam a atualização dos professores, dificultando ou até impedindo o acompanhamento da literatura em sua área de atuação profissional. A própria formação do professor para o ensino da leitura deixa muito a desejar, levando-o a imitar procedimentos ultrapassados. Além disso, há o desânimo, apatia e frustração do professor, a transferência de responsabilidade entre os professores, o autoritarismo e a estagnação de toda a escola.

Nesse contexto, observou-se a relevância de uma pesquisa que objetiva perceber a metodologia utilizada pelos professores de uma escola municipal de Itapetinga, como mediadores e facilitadores na formação de leitores críticos. E para isso, tentou-se especificamente identificar a concepção e as fontes de leitura dos mesmos, analisar a metodologia adotada, observar o material de leitura utilizado, bem como, analisar a receptividade e a compreensão desse material pelos alunos, visto que, esta instituição atende crianças e adolescentes oriundos de famílias em condições sociais precárias e necessitam de ferramentas para lutarem pelos seus direitos e, conseqüentemente, melhores condições de vida.

A efetivação desse estudo justifica-se pela necessidade de gerar maiores inquietações junto ao corpo docente das instituições públicas de ensino, visando contribuir, de forma significativa, para que os educadores possam refletir criticamente acerca da problemática que envolve a leitura e a necessidade de trabalhá-la de forma consciente e crítica. Pois, um dos pontos importantes da luta por uma escola de qualidade é fazê-la cumprir a sua função de formar indivíduos capazes de promover mudanças.

Esse trabalho discute “A metodologia utilizada pelos professores e sua contribuição na formação de leitores críticos”; demonstra a concepção que os professores possuem acerca da leitura; a importância que estes atribuem à mesma; analisa a metodologia utilizada pelos mesmos, bem como, a influência exercida sobre os educandos de acordo com a postura adotada; verifica-se, ainda, a receptividade e a compreensão, pelo aluno, do material de leitura trabalhado

Os sujeitos dessa pesquisa foram três professores da citada instituição. Sendo que uma atua na 1ª e na 4ª séries, outra que atua na 2ª série e a última leciona na 3ª série; dessas professoras duas são graduadas em Pedagogia e a outra é graduanda do mesmo curso. Essa amostra foi escolhida de forma aleatória e assistemática, de acordo com a disponibilidade em responder às questões apresentadas.

Inicialmente fez-se uma visita à citada instituição, visando obter algumas informações relevantes. Posteriormente, realizou-se a observação de algumas aulas de leitura, para perceber as atitudes dos professores, os textos trabalhados, a metodologia utilizada e a receptividade e compreensão dos alunos frente ao material apresentado. Sobre a importância da observação Lüdke (1986, p. 33) afirma que: “A observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional, usada como principal método de investigação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com a situação estudada”.

Feitas as observações, foram entrevistadas as professoras envolvidas com os processos de leitura, visando perceber: formação, tempo de atuação no magistério e na instituição; o que costumam ler, com qual finalidade; o que levam em consideração ao planejarem as aulas; como selecionam os textos a serem trabalhados em sala de aula; a metodologia utilizada; a importância da leitura na aquisição do conhecimento necessário para o exercício da cidadania dos educandos.

As entrevistas foram feitas individualmente para que não houvesse influência de um entrevistado sobre o outro. Essas entrevistas foram semi-estruturadas, orientadas por um roteiro, para dar maior liberdade aos entrevistados e, assim poder captar mais informações que foram gravadas e transcritas posteriormente.

A análise e a interpretação dos dados foram feitas através do enfoque qualitativo e os resultados foram apresentados na forma descritiva analítica.

Para facilitar a apresentação e análise dos dados, as professoras pesquisadas serão representadas por numerais de um a três, sendo que a nº 1 atua com a 1ª e a 4ª séries; a nº 2 com a 2ª série e a nº 3, com a 3ª série. E as questões pesquisadas serão apresentadas em quatro tópicos, de acordo com os objetivos propostos.

### **A leitura e a metodologia utilizada pelos professores**

Com a coleta dos dados, durante a realização das entrevistas ficou claro que as professoras demonstram ter conhecimento da necessidade de um posicionamento crítico diante da realidade educacional: frequentaram ou frequentam curso superior, lêem materiais diversificados, tentam incentivar seus alunos a lerem. No entanto, ao fazer as observações das aulas de leitura constatou-se que, na prática vão de encontro a esse discurso, reproduzindo um modelo de educação ultrapassado, onde o aluno é visto como sujeito passivo no processo ensino-aprendizagem. As mesmas assumem uma postura tradicional, isso foi percebido até mesmo na arrumação das salas: cadeiras enfileiradas, uma clara proibição da interação entre os alunos, chamados atenção sempre que tentavam se comunicar, mesmo que fosse sobre os textos trabalhados. As questões levantadas sobre os textos eram destituídas de significados e as respostas estavam prontas, era só decodificar e repetir o que foi dito pelo autor. Não foram feitos questionamentos onde o aluno pudesse dar sua opinião, discordar do autor, ou seja, construir

sentidos e aprendizagens através da interação leitor/texto. Vista dessa forma a leitura constitui-se numa prática cansativa e pobre de significados, favorecendo a formação de não-leitores ou de leitores acríticos.

O professor orienta a leitura em sala de aula de acordo com a sua concepção e essa concepção está interligada à sua história de vida, educação familiar e orientação escolar. Para (FREIRE,1999) o professor necessita assumir uma “postura crítica”, para contribuir com a formação de pessoas conscientes da necessidade de transformações sociais e de seu papel como participantes nessas mudanças. A falta desses conhecimentos faz com que os professores assumam uma “postura ingênua” (FREIRE,1999), contribuindo, dessa forma, para a disseminação da ideologia da classe dominante e a manutenção da situação vigente. Daí a importância de saber qual a concepção de leitura que os mesmos possuem para compreender seu posicionamento diante dos alunos. Desse modo, questionou-se sobre o conceito de leitura. As respostas obtidas foram: “a leitura vai bem além de um papel escrito, é o que a criança vê no mundo, a concepção que ela cria diante das coisas que ela vê, a leitura que ela faz em casa do que é família, dos amigos, tudo que ela faz no seu convívio é leitura”.– “às vezes a gente acha que leitura é só o menino pegar um livro e ler, existem outros tipos de leitura, existe a leitura dos signos, significados, de uma gravura, tipo assim, uma placa de trânsito”.– “leitura é tanta coisa boa, é conhecimento; antes de tudo deve ter o prazer, porque a pessoa ler sem gostar não adianta; e é isso que a gente procura fazer, despertar nos alunos o gosto pela leitura; a pessoa que lê tem mais facilidade para se expressar”.

As professoras, no discurso, demonstraram possuir uma concepção abrangente acerca da leitura, porém, durante a observação percebeu-se que todas escolheram apenas textos escritos, deixando transparecer que utilizam a leitura em um sentido restrito e que a prática está um pouco distante do discurso e isso dificulta um trabalho promissor na formação de leitores competentes.

A esse respeito MARTINS (1994, p.7) esclarece:

O ato de ler vai além da escrita: fazer a leitura de um gesto, de uma situação, ler a mão, ler o olhar de alguém, ler o espaço. Pois certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para ir além dele. Na verdade o leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas, foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante. Assim quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as

experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa.

Se o ato de ler é compreendido apenas como decifração de sinais gráficos e o leitor é visto como simples decodificador de letras, a leitura, vista dessa forma acaba por perder o seu caráter amplo e, sendo reduzida, não proporcionará as devidas aprendizagens necessárias à formação de leitores críticos. Faz-se necessário que a noção de leitura seja ampliada fazendo parte, não apenas do discurso dos professores, mas deve tornar-se parte imprescindível da prática cotidiana dos mesmos.

Visando analisar a atitude do professor frente à leitura, a variedade do material lido e a frequência com que lê, perguntou se o professor gosta de ler, porque e com qual frequência costuma ler. Obteve-se as seguintes respostas: “Gosto de ler porque me faz raciocinar melhor, por exemplo, na faculdade quem tem o hábito de leitura tem mais facilidade para entender o que os professores dizem, tudo fica mais fácil, a leitura proporciona um melhor aprendizado e nos deixa bem informados. Leio com o objetivo de aprender mais, pois estamos numa sociedade que modifica sempre. Leio com frequência devido à faculdade”. “gosto de ler porque me sinto bem, mesmo que não compreenda o que leio, mas gosto de ler, tenho muitos livros, revistas, livros evangélicos. Estou lendo com frequência apenas as apostilas do curso de formação para professores. Então não estou lendo as coisas que eu gosto”. “gosto de ler, porém, não tenho muito tempo devido ao trabalho, mas mesmo assim sempre arrumo um tempinho, tenho que abrir mão de outras coisas como tevê. A leitura abre a mente, abre horizontes, permite imaginar-nos em diferentes lugares, amplia a capacidade de se expressar. Normalmente leio três vezes por semana”.

Diante do exposto, observa-se que os professores gostam de ler, têm o hábito da leitura e vêem nela uma fonte de informação, de prazer e de ampliação dos horizontes do conhecimento, bem como de desenvolvimento da pessoa, como um todo. Contudo, durante a observação, pôde-se constatar que os professores não conseguem atuar junto ao aluno mediando a leitura nessa perspectiva, apresentam uma dificuldade visível em superar práticas apreendidas ao longo de suas vidas enquanto alunos oriundos de uma educação tradicional, onde a leitura é utilizada como simples decodificação, impedindo que o aluno faça inferências, relações entre o texto e sua vida pessoal, ou seja, que forme um sentido a partir de seu conhecimento de mundo, promovendo,

assim leitores competentes, capazes de compreender o texto e concordarem ou não com ele, formando sua própria opinião com autonomia e criticidade. A esse respeito, SILVA (2000,p.38), afirma: “As experiências com a leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser humano numa condição especial são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento”.

Então, para o citado autor, atos da consciência são acionados durante o encontro significativo do leitor com uma mensagem escrita. É este situar-se que garante o caráter libertador do ato de ler – o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar. O leitor crítico movido por sua intencionalidade, desvela o significado pretendido pelo autor, mas não permanece nesse nível – ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade. Como empreendedor de um projeto, o leitor crítico necessariamente se faz ouvir.

Para perceber a metodologia adotada e o material de leitura utilizado, pelos professores, bem como, o objetivo dessas leituras, fez-se a observação de uma aula de leitura. E, posteriormente, levantou-se questionamentos sobre: Indicação de leituras ao aluno; tipos de leitura; objetivo; O que levam em consideração ao indicar essas leituras; a forma que utilizam para cobrar essas leituras. Obteve-se as seguintes respostas: “Na 1ª série, as leituras são feitas em sala de aula (contos de fadas). Na 4ª série, os alunos são incentivados a irem à biblioteca, ( A serra dos dois meninos, O fantasma). O objetivo é criar o hábito e despertar o prazer pela leitura, porque isso vai ajudar os alunos a se desenvolverem. Na 3ª série, indica textos que tenham alguma lição, que tragam algum conhecimento para enriquecer a vida do aluno (imagens: “Os retirantes” – escritos: “A bela e a fera” – “Asa branca” – “Lembranças” – “O menino que mentia”). Cobram um resultado em sala de aula, primeiro oralmente, depois por escrito.

Durante a observação, o material trabalhado foi: “Dicionário maluquinho: ora e hora” (não tinha o nome do autor). O objetivo do texto foi trabalhar a letra “H”. “Asa branca” (Luiz Gonzaga). Inicialmente, ouviram a música, depois todos cantaram, então comentaram, rapidamente, a letra (poucos alunos opinaram), fizeram uma comparação com um texto imagético “Os retirantes” (trabalhado anteriormente). Aí os alunos foram orientados a responderem questões, por escrito, sobre o texto. Questões com respostas óbvias, facilmente identificadas no texto, nem uma questão subjetiva que desse margem à inferências, imaginação ou opiniões pessoais. “Mentira tem pernas curtas” – um texto Bíblico (sem referência). Os

alunos fizeram a leitura silenciosa, o professor fez a leitura oral, todos os alunos fizeram a leitura oral, sempre recomeçando o texto. Fez-se um breve comentário, poucos alunos falaram, a maioria apenas ouvia, a professora falou sobre a moral do texto (a importância de falar sempre a verdade). Os alunos responderam uma atividade de interpretação escrita.

Já o professor nº 3 havia pedido (na aula anterior) para os alunos trazerem poesias. Alguns alunos leram suas poesias, com empolgação, e, ao final, diziam quem era o autor. As poesias não foram comentadas.

Diante do exposto, percebe-se que os professores utilizam uma metodologia tradicional, onde o aluno lê mecanicamente, visando apenas observar entonação, pronúncia correta das palavras, não se leva em consideração a compreensão do que foi lido, não se extrapola ao texto, levando o aluno a fazer inferências, suposições, relações entre o texto lido e os problemas cotidianos, ou seja, o aluno não é incentivado a pensar e opinar sobre o que lê.

Com relação ao tipo de material utilizado, no geral, é diversificado, usam-se imagens, poesias, jornais, textos Bíblicos, músicas. Porém, a forma como se utiliza esse material deixa a desejar. Pois o mesmo poderia ser utilizado de forma a levar o aluno a refletir sobre problemas vividos no dia-a-dia, ampliar seus conhecimentos, gerar discussões, suscitar descobertas.

Nesse sentido, ZILBERMAN e SILVA, (2000) afirmam que uma pedagogia da leitura não tem conteúdo exclusivamente didático ou técnico, dependendo também, e, principalmente, do projeto – político e teórico – que fundamenta. Um projeto que objetive suprimir as deficiências do sistema educacional brasileiro tende a colocar em primeiro plano a sólida formação do leitor, esperando, no mínimo, torná-lo apto a compreender o(s) do(s) texto(s), no máximo que esse leitor mostre-se crítico e/ou criativo perante os materiais lidos e o mundo a que esses se referem.

O trabalho com o texto destina-se ao desvelamento desse, e não à sua descrição pura e simples. Assim, o desvelamento do texto, por evidenciar suas relações internas visando à comunicação e persuasão, bem como o seu lugar na cultura e na sociedade, dessacraliza-o transformando-se concomitantemente, no ponto de partida para o conhecimento amplo dos mecanismos institucionais.

Os professores, apesar das tentativas, ainda não conseguem assumir uma postura crítica diante da realidade onde estão inseridos, portanto não contribuem de forma significativa na formação de leitores críticos. Muitas vezes não têm consciência de seu papel transformador, e da importância do relacionamento interpessoal em sala de aula. Então, nota-se a necessidade de

mudanças nas políticas educacionais em prol da qualificação do professor, pois uma formação adequada tem relação com a formação dos alunos com leitores críticos. Como formar leitores críticos com a inexistência de professores críticos?

### **A leitura e o aluno: aceitação, compreensão e posicionamento**

Para obter resposta a essa questão, perguntou-se sobre o hábito de leitura dos alunos; o objetivos dessas leituras; a contribuição para que o aluno descubra a importância da leitura; As respostas foram: “A maioria das crianças não lê. Por falta de incentivo da família, os pais não lêem, não compram livros, não incentivam seus filhos a lerem. Nós, na escola fazemos o nosso papel. Para demonstrar a importância da leitura ao meu aluno eu leio histórias na sala de aula, peço que tragam livros de casa, livros que leram e gostaram, deixo livros (contos de fadas) expostos na sala para quem tiver vontade de ler após as atividades”. “A maioria dos alunos não gosta de ler, o problema é esse. Falta o incentivo da família. Alguns alunos mesmo sem o incentivo da família lêem, é algo deles, têm interesse pela leitura. Tento incentivar meu aluno a ler emprestando livros para eles”. “meus alunos lêem pouco. Um dos aspectos que contribui para que o aluno não leia é a família, ela não incentiva a leitura, também não tem essa formação. Deve partir também da família o incentivo à leitura. Para demonstrar a importância da leitura ao meu aluno eu costumo ler para eles, falar do valor da leitura para ficarmos bem informados, melhorar a escrita; também empresto livros para que eles leiam; nas reuniões de pais e mestres, cobro dos pais que incentivem seus filhos a lerem”.

Conclui-se que os professores, culpam os pais pela falta de leitura dos filhos, porém, nenhum deles comentou que esses pais fazem parte da maior parte da população brasileira que não têm acesso à educação de qualidade, ou nem tiveram acesso à escola, são analfabetos. Vivem numa sociedade onde as desigualdades sociais são gritantes, onde predomina o controle de um pequeno grupo, que mantém o poder e, para esse grupo, é necessário que as coisas permaneçam como estão.

Então, os professores, vão de encontro ao que afirma ZILBERMAN e SILVA, (2000) a leitura deve ser compreendida enquanto um processo historicamente determinado, que congrega e expressa os anseios da sociedade. Assim, quando a sociedade se divide em classes antagônicas e mostra-se desigual em diferentes níveis, a leitura pode se apresentar na condição de um



instrumento de controle, empregado sistematicamente pelos setores dominantes; neste caso, ela constitui elemento auxiliar do processo de inculcação ideológica, colaborando para a reprodução das estruturas sociais e para a permanência da situação privilegiada dos grupos detentores do poder.

Demonstraram também que tentam desempenhar o seu papel como incentivadores e orientadores de leitura, mesmo com dificuldades existentes na unidade escolar como falta de uma biblioteca, emprestam seus próprios livros para que o aluno se sinta tentado a ler. Nesse sentido, MARTINS (1994, p.18/19), afirma que: “Em nossa trajetória existencial, interpõem-se inúmeras barreiras ao ato de ler. Quando, desde cedo, vêm-se carentes de convívio humano ou com relações sociais restritas, quando suas condições de sobrevivência material e cultural são precárias”. Constatou-se que o professor não consegue analisar e compreender que a sociedade brasileira é permeada de situações contraditórias – e isso dificulta a sua percepção e posicionamento diante das concepções que a leitura pode suscitar: instrumento de controle das classes dominantes ou instrumento de conscientização dos menos favorecidos economicamente. Assim acaba por contribuir com a permanência da situação atual.

Com a pretensão de complementar as informações sobre a aceitação pelos alunos às leituras indicadas, a compreensão do conteúdo dos textos indicados e o posicionamento dos mesmos diante dessas leituras, observou-se uma aula de leitura em cada turma pesquisada. E indagou-se aos professores sobre: A aceitação pelos alunos às leituras indicadas; a compreensão do material lido; O posicionamento diante do texto. As respostas foram: “Há uma boa aceitação aos textos indicados. A maioria dos alunos compreende o que lê, outros, pela falta de hábito de leitura têm dificuldades para interpretar o que lêem. Os alunos contam o que lêem, alguns discordam do autor, outros, concordam com o autor, eles têm medo de dizer o que pensam e alguém dizer que está errado ou dos colegas rirem. Eu os incentivo a falar, mas o aluno tem medo de se expressar”. “Os alunos aceitam bem as leituras indicadas. Alguns conseguem compreender o que lêem, outros, necessitam de várias leituras para entender. Trabalho bastante com eles para que opinem sobre o que leram”. “A maioria dos alunos aceita bem as leituras indicadas, os outros reclamam. A maioria consegue compreender o que lê, dentro do nível deles. Alguns conseguem opinar sobre o que lêem”.

Durante a observação percebeu-se que poucos alunos conseguem envolver-se com o texto, pelo menos oralmente, poucos opinam, posicionam-se, concordando ou discordando do

autor. Percebeu-se também que os professores não os provocam, não os incentivam a falarem; que as questões levantadas têm respostas óbvias, não dão margens à muitas interpretações, não fazem relações do tema apresentado pelo autor a outras situações da vida do aluno para que o mesmo possa pensar sobre questões importantes da sociedade onde ele vive, fazendo inferências, buscando soluções, apresentando alternativas, sentido-se encorajado a participar das discussões.

Segundo ZILBERMAN e SILVA (2000), a leitura deve ser compreendida dialeticamente, assim, poderá se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a produção cultural, isto é, com os objetos e atitudes que se depositam as manifestações da linguagem, sejam estas gestuais, visuais ou verbais (oral, escrita, mista, audiovisual). Neste caso, a leitura coloca-se como um meio de aproximar os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e dotar do poder de crítica o público leitor.

Levando-se em consideração essa complexidade da leitura, o pouco tempo disponibilizado para a coleta dos dados aqui analisados, obteve-se uma visão limitada da problemática em questão. Todavia foi válido para concluir-se que os profissionais da educação estão buscando alternativas para a superação dos obstáculos para a concretização de uma educação que realmente promova mudanças em cada indivíduo e, conseqüentemente na sociedade. Porém as dificuldades são grandes: resquícios da educação recebida, formação insatisfatória, as questões sociais que envolvem os alunos e suas famílias, dentre outras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pessoa do professor constitui principal fator para a promoção da leitura e, conseqüentemente, para a formação de leitores dentro da organização escolar: sem professores que sejam leitores experientes e assíduos, sem professores que demonstrem uma convivência saudável com os livros e outros materiais escritos, sem professores capazes de dar aos alunos testemunhos vivos de leitura, fica muito difícil, senão impossível, planejar, organizar e instalar programas que venham a transformar, para melhor, os atuais procedimentos voltados ao ensino da leitura.

O professor que trabalha com o ensino de leitura deve ser alguém que participa ativamente do processo de incentivo à descoberta do prazer de ler e da formação do gosto pela leitura, alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos.

Os professores demonstraram uma concepção ampla acerca da leitura, porém, durante a observação percebeu-se que, apesar de no discurso, demonstrarem possuir essa concepção, na prática, na hora de trabalhar com a leitura, todos optaram apenas pelo texto escrito. Para trabalhar de forma adequada, contribuindo com a formação de leitores capazes de compreender o que lêem, seja texto visual ou verbal, a leitura deve ser vista numa concepção mais abrangente, o seu conceito não deve ser restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, deve estar voltada ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

Com relação à postura adotada pelos professores constatou-se que concordam entre si que a maioria dos alunos não lê e atribuem a culpa às famílias que "não incentivam à leitura, não têm o hábito de ler, não compram material de leitura para seus filhos, não possuem formação necessária para contribuir com os filhos nesse sentido". Porém, nenhum deles comentou que esses pais fazem parte da grande maioria da população brasileira que não tem à educação de qualidade, ou nem tiveram acesso à escola, são analfabetos. Vivem numa sociedade onde as desigualdades sociais são gritantes, portanto, as desigualdades de oportunidades são diferenciadas. Onde predomina o controle de um pequeno grupo, que mantém o poder e, para esse grupo, é necessário que as coisas permaneçam como estão.

Percebeu-se ainda que os professores adotam uma metodologia tradicional, onde o aluno lê mecanicamente, visando apenas observar entonação, pronúncia correta das palavras, não se leva em consideração a compreensão do que foi lido, não se extrapola o texto, levando o aluno a fazer inferências, suposições, relações entre o texto lido e os problemas cotidianos, ou seja, o aluno não é incentivado a pensar e opinar sobre o que lê. Sabe-se que para que haja aprendizagem e mudanças na forma de pensar e de agir é essencial que o leitor posicione-se diante do texto, compreendendo o seu sentido, transformando-o de acordo com a sua visão de mundo, e a partir desse conhecimento possa transformar-se.

Para que o professor induza as crianças a se tornarem leitoras críticas, é preciso que ele repense as suas práticas, pois, na maioria das vezes, não consegue superar a prática da

decodificação dos signos lingüísticos, ainda prevalece a pedagogia do aprender por aprender, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. É preciso tornar os estudantes capazes de compreender o significado da sua aprendizagem, para que possa usá-la no dia-a-dia de forma a atender as exigências da sociedade. Infelizmente esse não é o objetivo das escolas brasileiras. O que mais se vê é a preocupação de fazer os alunos apenas decodificarem a língua.

Conclui-se que os professores da escola pesquisada, percebem a leitura como instrumento que possibilite a ampliação do conhecimento, de compreensão do mundo e como possibilidade de pensá-lo e dar-lhe significado; de acesso a melhores condições de trabalho e participação social, porém, ainda não conseguem atuar como formadores de leitores ativos e conscientes, que ajam criticamente em seu espaço social. Isso ocorre devido ao fato dos professores terem tido, como alunos e como profissionais, uma formação precária e, acabam por reproduzir o mesmo modelo de educação, onde o sujeito não é levado a pensar sobre a sociedade onde vive, a perceber suas contradições, injustiças e desigualdades. Assim os professores acabam por contribuir, involuntariamente com o sistema vigente, disseminando a ideologia da classe dominante, não atuando como agentes capazes de contribuir com a formação de indivíduos conscientes de seu papel como cidadãos, que busquem uma sociedade mais justa, mais humana. Dessa forma, a educação cumpriria com o papel a que se propõe: formar cidadãos.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. – 38 ed. São Paulo. , Cortez, 1999.

MARTINS, MARIA Helena. **O que é leitura.** - 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENGA; LÜDKE; MARLI; E.B.A. ANDRÉ. **Pesquisa em educação abordagens Qualitativas.** São Paulo. EPU, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola:** Pesquisas e Propostas. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **O ato de ler:** Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2000.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **LEITURA Perspectivas Interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 2000.

